

A MANIFESTAÇÃO DA SUBJETIVIDADE NAS MÚSICAS “MENINOS E MENINAS”, “VENTO NO LITORAL” E “ESTRANHOS AMORES”, DE RENATO RUSSO

THE MANIFESTATION OF SUBJECTIVITY IN THE MUSIC “MENINOS E MENINAS”, “VENTO NO LITORAL” AND “ESTRANHOS AMORES”, BY RENATO RUSSO

Lívia Maria Turra Bassetto

UENP/FEMA

Cíntia Roberto Marson

Suellen Arcanjo de Godoy

UENP

Resumo: Este artigo, cuja análise está pautada na Análise do Discurso de linha francesa, objetiva demonstrar como a subjetividade se manifesta nas músicas “Meninos e Meninas”, “Vento no Litoral” e “Estranhos Amores” (*Strani Amore*), de Renato Russo, compositor e cantor pertencente à banda *Legião Urbana* nos anos 80 e 90. Procura-se expor de que maneira a subjetividade marca os diferentes “tipos” de amor vividos pelo compositor em diferentes fases de sua vida. Destaca-se também como a ideologia e o inconsciente contribuem para a construção do discurso presente nas letras das músicas selecionadas. Para isso, toma-se como embasamento teórico Mussalim (2009), Orlandi (2007), Silva e Henning (2011), além de outros autores que contribuíram significativamente para a análise.

Palavras-chave: Análise do discurso; Subjetividade; Renato Russo.

Abstract: This article, whose analysis is lined on French Discourse Analysis approach, has the purpose of demonstrating how the subjectivity is revealed on the songs “Meninos e meninas”, “Vento no Litoral” and “Estranhos Amores” (*Strani Amore*), by Renato Russo, songwriter and singer of the band *Legião urbana*, in the 80s and 90s. This work aims to expose the manner how the subjectivity marks the different types of love lives by the songwriter in different phases of his life. It also emphasizes how the ideology and the unconscious mind contribute to the construction of the discourse present on the selected song lyrics. To this, the article has as the theoretical background Mussalim (2009), Orlandi (2007), Silva and Henning (2011), besides other authors that have significantly contributed to the analysis.

Keywords: Discourse Analysis; Subjectivity; Renato Russo.

INTRODUÇÃO

Costuma-se acreditar que se é “dono” daquilo que se diz, que o sujeito possui total consciência sobre o que fala, porém há dispositivos que regulam o que pode/deve ou não ser dito por alguém em determinado contexto sócio-histórico. Além disso, o inconsciente tem papel fundamental na construção do discurso dos indivíduos, estes que são perpassados pelos discursos alheios, isto é, pelo(s) Outro(s). Por isso, sujeito, ideologia e discurso são elementos indissociáveis, como postula a Análise do Discurso (AD).

Neste trabalho, objetiva-se demonstrar como a subjetividade do cantor e compositor Renato Russo está presente em suas letras de músicas, ressaltando também os diferentes tipos de amor que viveu durante a sua curta vida, que se manifestam (in)conscientemente em suas composições em diferentes fases de sua vida. As letras selecionadas para análise são “Meninos e Meninas”, “Vento no Litoral” e “Estranhos Amores”, produzidas em diferentes contextos, o que permite conhecer algumas das fases da vida do cantor que conquistou o Brasil.

É preciso ressaltar que, num viés literário, se sabe que um artista, ao produzir um texto, não se confunde com a figura do eu-lírico, de modo que, geralmente, não se deve associar a vida do autor à sua obra como se esta fosse reflexo daquela. No entanto, no caso de Renato Russo, é observado que, em suas obras, a sua vida e sua ideologia estão direta ou indiretamente apresentadas, de maneira que a sua subjetividade é manifestada. Além disso, este artigo realiza a análise das letras das músicas pelo viés da AD, tendo, assim, um enfoque diferente de uma análise literária.

Utiliza-se como embasamento teórico deste trabalho a Análise do Discurso de linha francesa. Sendo assim, verifica-se a importância de analisar o discurso e perceber de que forma o inconsciente, a ideologia e a subjetividade contribuem significativamente para a formação do discurso do sujeito.

Espera-se contribuir para os estudos de Análise do Discurso, inclusive incentivar futuras pesquisas que envolvam a análise das letras de músicas de Renato Russo, haja vista que não se encontrou nenhum trabalho acadêmico que abordasse esta temática.

Por fim, o artigo é estruturado da seguinte maneira: Introdução; 1 Fundamentação Teórica; 2 Metodologia; 3 Análise do Discurso: a subjetividade e os diferentes tipos de amor; Considerações Finais; e Referências.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O discurso, de acordo com Orlandi (2007), é a palavra em movimento, é compreender quais sentidos podem ser apreendidos por meio da língua. A Análise de Discurso (AD), conforme afirma a autora, aborda o discurso, a seleção de uma palavra e não outra. Portanto, analisa-se o que há por trás das palavras proferidas e até mesmo das não ditas (afinal o silêncio também é significativo), quais possíveis sentidos emanam delas, e quais ideologias estão intrínsecas às palavras, uma vez que “[...] não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido” (PÊCHEUX, 1975 *apud* ORLANDI, 2007, p. 17).

É clara, desse modo, a relação entre língua, discurso e ideologia. Todos os sujeitos estão envolvidos por uma determinada ideologia, e isso faz com que possam expor suas crenças e visão de mundo, seja consciente ou inconscientemente. Por isso, é importante considerar de onde o falante profere seu discurso, em que momento o faz e qual é o papel social que desempenha quando o faz, pois Pêcheux, conforme expõe Orlandi (2007), concebe o sujeito e os sentidos como históricos e ideológicos.

Não se deve compreender o discurso como o mero proferir de palavras, resultando na troca de informações e comunicação, pois, de acordo com Orlandi (2007), a Análise de Discurso envolve “[...] processos de identificação do sujeito, de argumentação, de *subjetivação*, de construção da realidade, etc”. (p. 21, grifo das autoras). Essa afirmação de Orlandi permite pensar como o sujeito revela, a todo o momento, a sua subjetividade, aquilo que o caracteriza e é próprio do seu ser. Destaca-se, aqui, a subjetividade por ser o tema central deste artigo, pois, durante a análise da seleção das letras das músicas de Renato Russo, perceber-se-á que elas, por meio da subjetividade, abordarão os diferentes tipos de amor e, até mesmo, as diferentes fases da vida do cantor.

Pensando nisso, “[...] a Análise de Discurso visa à compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2007, p. 26). Isto é, procura-se compreender como as palavras produzem sentidos ao colaborarem para a simbolização do mundo do sujeito. Assim, o discurso se reveste de significados para os indivíduos e, também, os mesmos contribuem para os diversos significados contidos num discurso.

O consciente e o inconsciente são elementos envolvidos na constituição do discurso, pois, de acordo com Mussalim (2009, p. 107),

a partir da descoberta do inconsciente por Freud, o conceito de sujeito sofre uma alteração substancial, pois seu estatuto de entidade homogênea passa a ser questionado diante da concepção freudiana de sujeito clivado, dividido entre o consciente e o inconsciente.

Desse modo, Mussalim expõe, por meio de Lacan, que o inconsciente interfere no discurso, como se esse fosse, a todo o momento, atravessado por outros discursos, pelo discurso do Outro, e este nem sempre se dá consciente, mas inconscientemente. Por isso, quando o sujeito acredita que tem plena consciência de tudo o que diz, ele está enganado, pois o seu discurso é construído por meio do papel social que desempenha na sociedade e é atravessado por vários outros discursos, dos quais nem sempre tem consciência. Portanto, o discurso é lugar do inconsciente, que interfere diretamente naquilo que é produzido pelo indivíduo.

O conceito de sujeito, tão importante para a AD, é “[...] definido em função do modo como ele se estrutura a partir da relação que mantém com o inconsciente, com a linguagem [...]” (MUSSALIM, 2009, p. 107). O conceito de sujeito, portanto, de acordo com Santiago (1995), somente se define em relação ao Outro.

O sujeito, conforme afirma o autor, não está no consciente, lugar onde se cria a ilusão de que o indivíduo sabe o que diz e o que é; o sujeito está no inconsciente, lugar onde se encontra o Outro. Assim, Mussalim (2009, p. 108) afirma que “[...] a identidade do sujeito lhe é garantida pelo lugar do Outro, ou seja, por um sistema parental simbólico que determina a posição do sujeito desde sua aparição”.

Assim, nesta perspectiva, o indivíduo se constrói por meio do Outro, daquilo que habita o seu inconsciente, gerando um discurso perpassado pela voz de outros indivíduos, por sua ideologia e história. Ou seja,

[...] a AD concebe o discurso como uma manifestação, uma materialização da ideologia decorrente do modo de organização dos modos de produção social. Sendo assim, [...] o sujeito não é livre para dizer o que quer, mas é levado, sem que tenha consciência disso [...], a ocupar seu lugar em determinada formação social e enunciar o que lhe é possível a partir do lugar que ocupa. (MUSSALIM, 2009, p. 110)

Antes de se abordar o conceito de subjetividade, cabe esclarecer que o ser humano também é construído pela objetividade:

Sendo corpo e consciência, ao mesmo tempo, o sujeito é objetividade (pois é corpo) e subjetividade (pois é consciência), não podendo ser reduzido a nenhuma destas duas dimensões. O Eu, ou a identidade, ou a especificidade do sujeito, aparece como produto das relações do corpo e da consciência com o

mundo, consequência da relação dialética entre objetividade e subjetividade no contexto social. (MAHEIRIE, 2002, p. 35)

O objetivo deste trabalho é salientar como a subjetividade de Renato Russo é constituída em suas músicas, por isso tal conceito será destacado, e não o conceito de objetividade. Após breve exposição sobre a AD, feita inicialmente, aborda-se o conceito de subjetividade, que, conforme Ghiraldelli Júnior (2000 *apud* SILVA, HENNING, 2011, p. 68):

[...] pode ser descrita por meio de ‘formas da consciência’: o eu, a pessoa, o cidadão e o sujeito epistemológico. O eu é a identidade, formada das vivências psíquicas; é a forma de conhecimento singular [...] A pessoa é a consciência moral [...] O cidadão é a consciência política [...] O sujeito epistemológico é a consciência intelectual [...] A subjetividade assim composta [...] é a instância da qual o homem (empírico ou abstratamente genérico) deve participar. Se conseguir isso, autenticamente, torna-se o sujeito – ‘aquele que é consciente de seus pensamentos e responsável pelos seus atos’.

É, por meio da subjetividade, então, que o indivíduo torna-se sujeito de seus pensamentos e atos, integrando suas vivências psíquicas, suas consciências moral, política e intelectual. Cada homem, portanto, constrói a sua subjetividade de maneira particular e singular, seja por meio de sua personalidade, seja pelo caráter, crenças e história de vida. Dessa maneira, cada sujeito

[...] é corpo-sujeito que vive sua história [...] expressa o mundo, os outros, a existência, seus amores, suas revoltas, seu desespero, sua esperança, de um modo particular e único. Compreender esse pensamento é penetrar em sua vida, em seu mundo, em seu estar nele corporificado. Para escutar esse Ser corporificado, há que se imbuir e se impregnar de suas palavras e gestos” (MELO, 2004 *apud* SILVA, HENNING, 2011, p. 73).

De acordo com a afirmação de Melo (2004), para compreender o indivíduo, é necessário aprofundar-se em suas palavras e gestos. Aqui, recorre-se à AD como uma ferramenta que possibilitará analisar os efeitos de sentidos presentes no discurso que permeia as letras de músicas de Renato Russo, compositor e cantor que se acredita ter demonstrado, visivelmente, etapas de sua vida amorosa por meio de suas composições.

Sabe-se que os indivíduos se constroem por meio do contato com outros indivíduos e realidades, o que resulta no entrecruzamento de histórias de vida. Nesse sentido, como posteriormente será enfatizado, as letras do compositor permitem verificar de que maneira as pessoas com as quais ele teve contato e criou laços de afeto colaboraram significativamente para a construção de seu discurso. Sendo assim, nota-se que, a partir do contato entre diferentes

homens, o sujeito constrói a sua história e também a dos outros, sendo produto e produtor, segundo Maheirie (2002).

Diante das letras selecionadas de Renato Russo, será possível perceber como o compositor/ cantor, enquanto sujeito de si, constrói-se a partir das relações afetivas com o outro, das problemáticas vivenciadas durante a sua vida. Torna-se notável, então, como a relação com outros sujeitos contribui, significativamente, para a construção de sua subjetividade.

2 METODOLOGIA

Conforme apresentado, o presente trabalho está embasado na perspectiva da Análise de Discurso Francesa, “[...] que privilegia o contato com a História [...] considera que esses sujeitos são condicionados por uma determinada ideologia que predetermina o que poderão ou não dizer em determinadas conjunturas histórico-sociais” (MUSSALIM, 2009, p. 113), proposta por Michel Pêcheux, especialmente no que diz respeito à subjetividade, à consciência e inconsciência e ideologias.

O que se propõe é pensar na construção que Renato Russo fazia de seu discurso enquanto compunha suas músicas, a fim de não considerar como determinante a sua ação, mas sim de entender o que ele, como sujeito de seu discurso, escrevia a partir de sua ideologia que, de certo modo, predeterminava o que ele podia ou não dizer.

A proposta pauta-se na análise de três músicas, sendo elas: “Meninos e Meninas” (1989); “Vento no Litoral” (1991); e “Estranhos Amores” (1993). Essas músicas foram escolhidas com o intuito de entender parcialmente a trajetória da vida amorosa pela qual Renato Russo passou no decorrer de seus trinta e seis anos de idade, revelando, por meio delas, a sua subjetividade enquanto “dono” de seu discurso. Por isso, a análise seguirá a ordem cronológica das músicas, visto que se pretende demonstrar a mudança de perspectiva sobre o amor no decorrer do tempo.

Sabe-se que o compositor aqui em questão declarava-se bissexual e não escondia sua orientação sexual de quem quer que fosse. No entanto, neste artigo, busca-se entender como suas músicas eram elaboradas, partindo da análise das canções selecionadas, que marcaram cronologicamente a vida amorosa de Renato Russo.

Na música “Meninos e Meninas”, por exemplo, tem-se a evidência a sua bissexualidade, já que ele poderia gostar tanto de meninos, quanto de meninas, destacando que não havia problema algum em ser “diferente” dos demais. Na segunda música, “Vento no Litoral”, de acordo com

uma entrevista para a Rádio Cidade¹, no ano de 1992, o próprio Renato diz fazer parte de uma desilusão amorosa e que, nessa desilusão, ele precisou ir à praia para pensar na vida e no que havia se passado; assim nasceu a canção “Vento do litoral”. Já na última canção, “Estranhos Amores”, observa-se um compositor mais deprimido, que expõe possivelmente um relacionamento que deu errado e demonstra a raiva por ter insistido em uma relação sem perspectiva.

Então, partindo da perspectiva de Pêcheux (2008), pretende-se destacar, nas canções de Renato, a maneira como cada palavra cria diferentes efeitos de sentidos nas músicas. Dessa forma, pode-se verificar que cada escolha lexical inserida nas canções do compositor tem um propósito específico, uma vez que parte das particularidades dos pensamentos que o compositor/cantor gostaria (in)conscientemente de evidenciar no momento em que compunha suas músicas.

Para tanto, faz-se necessário entender a subjetividade de Renato Russo enquanto um compositor bissexual que espontaneamente apresenta problemáticas existenciais nas três canções aqui em destaque. O que se busca é compreender como o seu inconsciente e sua ideologia se fazem presentes em suas composições.

Assim, essas canções serão analisadas em sua particularidade, pois, do mesmo modo como cada contexto é único, as canções também devem ser vistas de forma individual, a fim de que não se perca nenhuma possibilidade de sentido que a AD pode proporcionar.

3 ANÁLISE DO DISCURSO: A SUBJETIVIDADE E OS DIFERENTES TIPOS DE AMOR

A banda *Legião Urbana* surgiu em 1982, quando Renato Russo juntou-se a Marcelo Bonfá, Eduardo Paraná (hoje, Kadu Lambach) e Paulo Guimarães (o “Paulista”)². A banda destacou-se muito na década de 80 e 90 e continua ainda na memória cultural de muitos sujeitos, sendo, muitas vezes, apresentada a adolescentes na contemporaneidade, de modo que se pode dizer que a banda se eternizou na cultura brasileira, servindo muitas vezes de voz para muitas críticas sociais e para a militância em algumas causas. Assim, pode-se afirmar que as letras de músicas da *Legião Urbana* acabam por determinar o discurso de muitos sujeitos, estes que são determinados consciente ou inconscientemente.

¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S8TXuv8SLCw> (Acesso em: 10/11/2016).

² Mais informações disponíveis em: <http://www.legiaourbana.com.br/bio.html> (Acesso em 10/11/2016).

A primeira música a ser analisada será “Meninos e Meninas”³ (1989), que traz, logo no título, a indicação da bissexualidade de Renato Russo. Segue abaixo a letra:

Quero me encontrar, mas não sei onde estou
Vem comigo procurar algum lugar mais calmo
Longe dessa confusão e dessa gente que não se respeita
Tenho quase certeza que eu não sou daqui

Acho que gosto de São Paulo e gosto de São João
Gosto de São Francisco e São Sebastião
E eu gosto de meninos e meninas

Vai ver que é assim mesmo e vai ser assim pra sempre
Vai ficando complicado e ao mesmo tempo diferente
Estou cansado de bater e ninguém abrir
Você me deixou sentindo tanto frio
Não sei mais o que dizer

Te fiz comida, vlei teu sono
Fui teu amigo, te levei comigo
E me diz: pra mim o que é que ficou?

Me deixa ver como viver é bom
Não é a vida como está, e sim as coisas como são
Você não quis tentar me ajudar
Então, a culpa é de quem? A culpa é de quem?

Eu canto em português errado
Acho que o imperfeito não participa do passado
Troco as pessoas, troco os pronomes

Preciso de oxigênio, preciso ter amigos
Preciso ter dinheiro, preciso de carinho
Acho que te amava, agora acho que te odeio
São tudo pequenas coisas e tudo deve passar

Acho que gosto de São Paulo e gosto de São João
Gosto de São Francisco e São Sebastião
E eu gosto de meninos e meninas.

A letra, de um modo geral, é uma declaração de que o cantor pode gostar de muitas coisas diferentes, assim como de dois gêneros e não apenas do gênero oposto ao seu, ressaltando que ele pode ser diferente independente do que a sociedade da época gostaria de lhe impor. Apesar de sugerir ser religioso (católico), ele não precisaria esconder quem era, isto é, diferente dos padrões pré-estabelecidos. Nesta canção, é o inconsciente de Renato que fala, pois sua subjetividade ideológica é ressaltada ao longo da música.

³Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/meninos-e-meninas.html> (Acesso em 10/11/2016).

É importante considerar a fala de Renato Russo, logo abaixo:

Em 'Meninos e Meninas', é a primeira vez que falo, claramente, que gosto de meninos e meninas. Também não sei o que vai dar, porque começo a falar de santo, no meio da música, e vai embolar tudo. E o amor ao próximo? Jesus gostava de meninos e meninas. Não sei se sexualmente, porque, naturalmente, Ele era um ser evoluidíssimo. Ele era um ser totalmente espiritual.⁴

Por isso, essa canção é extremamente subjetiva, afinal, o cantor adiciona a sua essência à composição, fala abertamente de suas escolhas, de como se sente em relação a elas, dos medos e incertezas, acrescenta sua ideologia e seus pensamentos, que antes estavam escondidos no inconsciente, como se observa em: “Quero me encontrar, mas não sei onde estou/ Vem comigo procurar algum lugar mais calmo/ Longe dessa confusão e dessa gente que não se respeita/ Tenho quase certeza que eu não sou daqui”.

No primeiro verso, o compositor revela que se sente perdido, mas ressalta o desejo de se encontrar. Esse sentimento de estar perdido é justificado, de certa forma, na estrofe, por ele perceber não se encaixar nos padrões estabelecidos pela sociedade, de modo que evidencia, no quarto verso, não se sentir parte desse lugar. Nota-se aqui a subjetividade demonstrada por Renato, que se revela por meio de sua composição.

Nesta primeira estrofe, ele também demonstra a sua ideologia e subjetividade quando diz: “Vem comigo procurar algum lugar mais calmo/ Longe dessa confusão e dessa gente que não se respeita”. Renato Russo, nesses dois versos, quer fugir e, por isso, convida alguém que compartilhe dos mesmos ideais para buscar um lugar onde não haja “confusão” e as pessoas se respeitem. Quando ele ressalta “essa gente que não se respeita”, o autor faz uma crítica às pessoas que não respeitam alguém que não seja igual aos demais e, ao mesmo tempo, não respeitam a si mesmos e aos seus desejos, vivendo, portanto, hipocritamente para poder se enquadrarem ao padrão social considerado aceito.

Na segunda estrofe, há uma evidência ainda maior do que, de fato, ele pretende destacar em sua canção. Nessa estrofe, seu discurso o afirma como supostamente religioso e seguidor dos ideais católicos, haja vista que acredita em santos. Entretanto, Renato deixa claro que, mesmo sendo um propenso seguidor do catolicismo e gostando dos santos São Paulo, São João, São Francisco e São Sebastião, ainda assim, ele gosta de meninos e meninas. Com isso, ele destaca que, assim como não é preciso ter apenas um santo como exemplo, é possível gostar de meninos

⁴Disponível em: <http://olivrodosdias-interpretacao.blogspot.com.br/2012/06/interpretacao-meninos-e-meninas.html> (Acesso em: 10/11/2016).

e meninas, ou seja, não ter apenas uma escolha. Além disso, é preciso ressaltar que, embora a Igreja Católica não “aceite” a homossexualidade ou a bissexualidade, isso não o impede de vivenciar o catolicismo e sua orientação sexual sem conflitos.

Convém evidenciar também que as escolhas dos santos são extremamente relevantes. São Paulo (o maior propagador do cristianismo) e São João (o profeta e precursor do Messias) são santos que reforçam muito o cristianismo e, portanto, o lado espiritual; e São Francisco (o santo dos pobres e dos animais) e São Sebastião (soldado romano martirizado por não renegar a fé em Cristo) demonstram o olhar destes sobre os menos favorecidos, valorizando o lado humano. No caso de São Sebastião, este é reconhecido também, não pela Igreja Católica, mas por grupos de homossexuais, como patrono dos homossexuais, pela coragem que teve de assumir a sua condição de cristão perante o imperador, pois os cristãos eram perseguidos pelos soldados romanos, assim, fazendo alusão à coragem dos homossexuais (e bissexuais) em assumirem a sua condição perante a sociedade.

Em uma entrevista dada pelo cantor, pode-se entender melhor como ele se refere aos santos: "Não é uma bandeira pelo bissexualismo; aquilo é uma bandeira em favor da Igreja Católica. Eu também falo que gosto de São Francisco. Depende de como você vê a letra⁵".

Então, essa canção, como o próprio Renato afirma em sua entrevista, é subjetiva ao ouvinte, que pode tirar suas conclusões, a partir dos próprios pontos de vista, e, ao mesmo tempo, revela a subjetividade do compositor, numa construção de um “eu”. Assim, “[...] o laço que une as significações de um texto às suas condições sócio-históricas não é meramente secundário, mas constitutivo das próprias significações” (PÊCHEUX *et al*, 2008, p.06) e pode-se dizer que Renato Russo foi um grande compositor exatamente por se deixar interpretar de acordo com o inconsciente, o histórico e o ideológico que cada um possui.

Na continuação da música, a terceira estrofe é extremamente simbólica e poética, pois, nesse trecho, parece que o compositor demonstra certa desesperança quanto a qualquer mudança na sociedade (“vai ser assim pra sempre” e “vai ficando complicado”). Além disso, ele declara estar “cansado de bater e ninguém abrir”, o que pode demonstrar uma insistência por parte dele em mudar, porém não há quem se dispõe a essa abertura necessária na sociedade da época. Pode-se também ter a impressão de que ele se sente solitário e isolado e, por isso, sente frio, por não ter o apoio de ninguém, especialmente desse “você” a quem ele se refere. Assim, quando se cansa de bater e ninguém abrir, ele fica sem saber o que dizer, como se as suas palavras não tivessem o poder de convencer o outro.

⁵ Disponível em: <http://olivrodosdias-interpretacao.blogspot.com.br/2012/06/interpretacao-meninos-e-meninas.html> (Acesso em 10/11/2016).

Essa estrofe pode ser interpretada como uma revelação de Renato Russo, pois, nesse discurso, ele demonstra a frustração por ninguém “abrir a porta”, assim como o sentimento de abandono por ser uma pessoa “diferente” das demais. A respeito do frio mencionado, este pode ser compreendido como indiferença por parte desse “você”, que pode ser entendido tanto como um dêitico, cuja referência varia, quanto como um ser amado que não corresponde ao seu amor.

Em continuidade, na quarta estrofe, é destacado um discurso de dúvida e ressentimento, pois o compositor afirma que foi parceiro de alguém e zelou por essa pessoa, no entanto, não conseguiu ser correspondido. Nesse fragmento, o autor demonstra certa tristeza por não ter sido correspondido e reconhecido por parte de um outro alguém, pois, apesar de ter sido companheiro e amigo, ele não foi retribuído da mesma maneira. Quando destaca o quanto fez pelo outro, nos versos “Te fiz comida, velei teu sono/ Fui teu amigo, te levei comigo”, pode-se observar o quanto esse sujeito se coloca como um ser que cuida, zela pelo ser amado, entregando-se por inteiro. Porém, no final, nota-se a melancolia e o inconformismo diante do nada que restou dessa relação, no verso: “E me diz: pra mim o que é que ficou?”.

Na sequência, o autor, em tom de desabafo, diz: “Me deixa ver como viver é bom/ Não é a vida como está, e sim as coisas como são/ Você não quis tentar me ajudar/ Então, a culpa é de quem? A culpa é de quem?”. Nesse trecho, Renato Russo revela o discurso de alguém que precisa viver livre dos preconceitos, indicando a vida como boa, não “a vida como está”, mas a vida efetivamente como deve ser – viver livremente. Ou seja, na oposição entre os verbos “está” e “são”, o autor demonstra a importância da essência (do “ser”) e não do estado (do verbo “estar”) das coisas como a sociedade impôs. Assim, subentende-se que, ao se respeitar a essência, a vida se faz boa, por isso pede “Me deixa ver como viver é bom”.

Novamente há uma referência ao “você”, acusando-o de negar ajuda. Nesse ponto, há mais uma vez a retomada da ideia de não retribuição de um amor (este que não necessariamente é apresentado como o sentimento próprio de um relacionamento amoroso, mas como um sentimento de carinho e afeto por qualquer ser humano). Diante do desamor, o autor traz o mesmo questionamento duas vezes no último verso, a fim de tentar achar um culpado por ter se escondido até agora e por ninguém ter o acolhido.

Nas duas últimas estrofes antes de repetir o refrão, percebe-se, em sua composição, um indício ideológico. Quando o compositor diz que troca os pronomes e as pessoas, ele refere-se diretamente à sua orientação sexual, visto que a ele não importa o gênero, podendo ser “ele” ou “ela”, já que gosta de meninos e meninas. Destaca também a sua imperfeição por não comungar da mesma ideologia pertencente à “maioria” da sociedade e coloca em foco o quanto essa

subversão lhe é contemporânea, de maneira que o passado é visto como “perfeito” por não haver quem se posicionava efetivamente como se deveria. Assim, pode-se observar como se dá a construção da subjetividade de Renato Russo por meio dessa canção, que revela um sujeito à frente de sua época, com uma mentalidade muito mais aberta sobre as coisas.

O autor também ressalta as suas necessidades vitais: oxigênio, amigos (que sejam reais e não lhe batam a porta, aceitando-o como ele verdadeiramente é), dinheiro e carinho. Assim, nesse fragmento, fica expressa a oposição da vida (e suas necessidades): o “material”/ físico (oxigênio e dinheiro) e o espiritual/ sentimental (amigos e carinho). Por meio dessas necessidades de campos tão opostos, o autor revela a sua subjetividade, tão cheia de oposições.

Por meio do discurso de Renato Russo, pode-se confirmar que o sujeito,

a partir das relações que vivencia no mundo, produz significações e, como ser significante, vivenciar esta sua condição de ser lhe permite singularizar os objetos coletivos, humanizando a objetividade do mundo. Suas significações aliadas às suas ações, em movimento de totalizações abertas, compõem o sujeito que vai sendo revelado por perspectivas. (MAHEIRIE, 2002, p.36)

Portanto, na canção “Meninos e Meninas”, percebe-se a representação subjetiva e ideológica que Renato Russo vai construindo ao longo de todas as estrofes, a fim de colocar em pauta tudo o que estava escondido anteriormente em seu íntimo. Assim, revela-se um sujeito que valoriza os opostos, reforçando a necessidade de se conciliá-los e respeitando-se como se é. A respeito dessa fase da vida do autor, há a expressão de sua bissexualidade, esta vista como natural, assim como se é natural gostar de diferentes santos e não apenas de um. Além disso, enfatiza-se um amor não correspondido, apresentado como ingrato e insensível.

A segunda música a ser analisada intitula-se “Vento no Litoral” (1991). O motivo para a composição da música, segundo site⁶ sobre a banda *Legião Urbana*, deve-se ao rompimento entre Renato Russo e seu namorado americano, que morou com o cantor por um tempo no Brasil e, logo em seguida, voltou para o seu país. Em outro site⁷, a informação é de que a letra foi composta em meio ao sofrimento de Renato, pois esse mesmo namorado havia morrido. Segundo o cantor, foi esse rapaz que lhe fez a cantada mais bonita.

⁶ Informações disponíveis em: <http://www.legiaourbana.com.br/bio.html> (Acesso em 15/11/2016).

⁷ Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Vento_no_Litoral (Acesso em 15/11/2016).

Interessante é a entrevista realizada com o compositor⁸, na qual Leoni questiona qual a importância da sexualidade nas letras de Renato Russo. Especificamente sobre a música “Vento no Litoral”, o cantor revela:

Muitas vezes, pra não ter problema eu não era muito claro. Tem algumas músicas que sou eu cantando para um cara mesmo. Mas escrevi de tal maneira que uma menina ouvindo a música pode achar que é um cara cantando pra ela. Um exemplo clássico disso é "Vento no Litoral" que é uma música gay, de carteirinha, até com citação de cavalo marinho. Cavalo marinho é o único bicho cujo macho é que gesta o filho. Ali já foi mais natural pra mim, mas não era assim nas coisas antigas.

Independentemente do motivo da composição da música, sabe-se, a partir da afirmação do cantor, que ela fora destinada, sim, para um rapaz. O momento, notoriamente, foi de muito sofrimento, fazendo com que a letra contivesse em si a grande tristeza de Renato, devido à perda de seu amor. Nota-se como a letra possui significados importantes para a análise, principalmente a informação do cantor sobre o porquê de utilizar cavalos-marinhos em sua música.

Diante da breve, mas significativa, apresentação do motivo pelo qual se originou a música, segue a letra de “Vento no Litoral”⁹ (1991):

De tarde quero descansar
Chegar até a praia e ver
Se o vento ainda está forte
E vai ser bom subir nas pedras
Sei que faço isso pra esquecer
Eu deixo a onda me acertar
E o vento vai levando tudo embora

Agora está tão longe
Ver a linha do horizonte me distrai
Dos nossos planos é que tenho mais saudade
Quando olhávamos juntos na mesma direção
Aonde está você agora além de aqui dentro de mim?

Agimos certo sem querer
Foi só o tempo que errou
Vai ser difícil sem você
Porque você está comigo o tempo todo
E quando vejo o mar
Existe algo que diz
Que a vida continua e se entregar é uma bobagem

⁸ Disponível em: <http://www.leoni.art.br/post.php?titulo=letra-musica-e-outras-conversas-novidades-e-renato-russo-2> (Acesso em 15/11/2016).

⁹ Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/legiao-urbana/vento-no-litoral.html> (Acesso em 15/11/2016).

Já que você não está aqui
O que posso fazer
É cuidar de mim
Quero ser feliz ao menos
Lembra que o plano era ficarmos bem

Eieieiei!
Olha só o que eu achei
Humrum
Cavalos-marinhos

Sei que faço isso pra esquecer
Eu deixo a onda me acertar
E o vento vai levando tudo embora

A primeira estrofe já demonstra como Renato Russo está perdido, triste, desejando esquecer aquilo que o deixa tão deprimido e buscando um alento. Os primeiros três versos da estrofe ressaltam a necessidade que o cantor tem de descansar (“De tarde quero descansar,/ Chegar até a praia e ver/ Se o vento ainda está forte”) e esse cansaço é muito mais psicológico do que físico, afinal, em toda canção, há um tom melancólico devido a uma ausência.

Quando se pensa em praia, lembra-se de um lugar no qual o sujeito pode descansar, contemplar o pôr do sol (afinal, ele se encontra à tarde), ver as ondas batendo e voltando até a areia. De fato, é uma paisagem que acalmaria alguém que precisa descansar e se isolar do restante do mundo. Por isso, compreende-se por que Renato deseja estar nesse lugar.

É interessante notar o primeiro verso da estrofe acima, pois o desejo do sujeito é descansar à tarde. Por que descansar nesse período do dia? Talvez, devido à tamanha dor e tristeza, o cantor não conseguia relaxar, esquecer os problemas e dormir durante a noite. (In)conscientemente, Renato pode estar expondo quão grande esteja sendo seu sofrimento, a ponto de lhe tirar o sono e a paz de espírito. Além disso, pode-se afirmar que, durante a tarde, principalmente ao final do dia, a vista do horizonte na praia é aconchegante, mas, ao mesmo tempo, é marcado pelo pôr do sol, que se associa a um adeus, a uma ida e a uma possível morte (na oposição com o “nascer do sol”), por isso, instauram-se juntas uma paz e uma melancolia.

O restante da primeira estrofe mostra o isolamento do sujeito, que deseja subir nas pedras e deixar as ondas lhe acertarem. Nesse ponto, o autor afirma que o motivo de querer se distanciar é justamente para esquecer o que lhe causa sofrimento. Nesse momento, ao expor que deixa as ondas lhe acertarem, pode-se depreender que o sujeito deseja, inconscientemente, ser arrebatado pelas ondas, pois, em seguida, o vento levará tudo embora. Sendo assim, no último verso da primeira estrofe, percebe-se, talvez, a falta de vontade de viver desse sujeito, pois o seu desejo é

de que o vento leve tudo embora, e a palavra “tudo” pode englobar toda a tristeza sentida pelo sujeito, as lembranças, inclusive, a vida do eu-lírico.

Por isso, de acordo com a AD, os trabalhos de Authier-Revuz salientam que “[...] o centro do sujeito não é mais o estágio consciente, mas [...] ele é dividido, clivado, entre o consciente e o inconsciente. Inserido nesta base conceitual, o sujeito da AD se movimenta entre esses dois polos sem poder definir-se em momento algum como um sujeito inteiramente consciente do que diz” (MUSSALIM, 2009, p. 134).

A segunda estrofe da música confirma um indivíduo saudosista. O autor afirma, no primeiro verso dessa estrofe, que agora o seu amor está muito longe, o que pode ser entendido como uma distância marcada pela eternidade. No segundo verso, relata que a linha do horizonte o distrai, por conseguinte, percebe-se um sujeito perdido em pensamentos e olhando para o horizonte, talvez tentando encontrar justificativas, lembrando o passado, tentando se reencontrar. O discurso exposto é de alguém notoriamente perdido e desolado.

No terceiro e quarto versos, o sujeito afirma que tem mais saudade dos planos que fizera com o parceiro e de quando juntos olhavam na mesma direção. (In)conscientemente, esse sujeito revela que a saudade é maior quando pensa em como ambos almejavam os mesmos sonhos, tinham desejos em comum e, portanto, olhavam na mesma direção. Dessa forma, ele revela que apenas dos momentos bons é que tem mais saudade, o que é compreensível, pensando-se no que resta de um relacionamento, isto é, os bons momentos e afinidades compartilhadas.

A terceira estrofe apresenta um significativo questionamento: “Aonde está você agora/ Além de aqui,/ Dentro de mim?”. Ao se pensar na questão lançada a si mesmo, o autor revela uma possível reflexão sobre onde o seu amor pode estar: no céu, após ter morrido? Pelo universo? No infinito? Nota-se, então, o desejo de saber por onde estaria a pessoa que o fez tão feliz, pois a única certeza desse sujeito é que seu amado vive dentro dele.

Além disso, longe de se querer ultrapassar os limites que a letra impõe, pode-se dizer que o compositor revela a sua crença, por meio da estrofe analisada. Se o namorado faleceu e Renato deseja saber onde ele está, o cantor acredita, assim, na existência da vida após a morte. Verifica-se, então, que o sujeito revela a sua ideologia inconscientemente. É possível observar tal fato somente a partir da AD, que permite averiguar de que modo a ideologia e o inconsciente fazem parte do processo de construção do discurso que é elaborado pelo sujeito.

Os quatro primeiros versos da quarta estrofe enfatizam o quão difícil será para o sujeito viver sem o seu amado. De acordo com tais versos, pode-se ver que o tempo foi o empecilho para que o romance continuasse. Não se têm informações concretas de que o namorado de

Renato faleceu ou se só mudou de país ou terminaram o romance. De qualquer forma, está implícito que o tempo os impediu de ficarem juntos. Ao afirmar, portanto, que somente o tempo errou, o cantor revela, inconscientemente, que ele e seu amado não erraram em momento algum, uma vez que apenas o tempo os separou e, mesmo assim, o sujeito declara que o amado está com ele o tempo todo – seja pelas lembranças, marcas, sentimentos... Por isso, os dois seguintes versos confirmam a dificuldade de seguir em frente, pois o amor do autor sempre está com ele.

No restante da quarta estrofe, percebe-se o provável pensamento de suicídio ou da depressão, seguido de um pensamento contrário que aponta como “bobagem” o ator de se entregar. Por meio desses versos, tem-se a compreensão de que Renato Russo pode ter pensado em se suicidar, tendo em vista a afirmação de que, ao olhar para o mar, algo diz que a vida continua e não vale a pena se entregar. O segmento “se entregar” permite pensar no desejo de desistir da vida, inclusive devido ao local isolado no qual o autor se encontra. Percebe-se como o discurso do sujeito é revelador, até mesmo quando não se deseja expor seus pensamentos e desejos.

A próxima estrofe expõe um indivíduo que procura se reerguer, isto é, voltar a pensar em si, afinal um dos planos dos enamorados era justamente que ficassem bem. Na quinta estrofe, portanto, o autor declara que deseja cuidar de si, já que seu amor não voltará, afinal, quer ser feliz, pois o plano era ambos ficarem bem. Inconscientemente, o compositor afirma que será fiel ao plano compartilhado com o namorado, ou seja, tentará prosseguir e ser feliz.

A subjetividade se encontra em todas as estrofes analisadas até o momento. As singularidades, pensamentos, desejos e sentimentos do sujeito são afirmados durante a letra, que revela intimamente aspectos que constituem o sujeito Renato Russo. Na sexta estrofe, a subjetividade é salientada, por meio da presença de cavalos-marinhos, como o próprio compositor ressaltou em entrevista sobre a canção.

Aqui, retoma-se a entrevista dada por Renato Russo a Leoni, relatando que “Cavalo marinho é o único bicho cujo macho é que gesta o filho. Ali já foi mais natural pra mim, mas não era assim nas coisas antigas”. Isto é, a figura do cavalo-marinho é muito significativa e, a partir da entrevista, nota-se que o cantor escolheu essa figura propositalmente, a fim de salientar, implicitamente, o seu envolvimento amoroso com outro homem.

Ao se pensar que o cavalo marinho é o único animal cujo macho é que gesta o filho, o sujeito revela que não é preciso da fêmea para que a vida nasça, pois o macho consegue gestar o filho, normalmente. Isso diz muito sobre a orientação sexual do cantor, que, provavelmente, apoia os modelos não tradicionais de família, como já salientado na música “Meninos e meninas”.

Concluindo a sua música, o compositor repete os últimos três versos da primeira estrofe, salientando que o desejo é de que o vento leve tudo embora, principalmente essa tristeza que o envolve, pois tentar esquecer o que aconteceu talvez seja a melhor saída para alguém que está sofrendo com a perda da pessoa amada.

A subjetividade de Renato Russo é visivelmente notada por meio de sua letra. O sentimentalismo, a extrema tristeza, o desânimo e o estado deprimido revelam facetas do cantor, inclusive traços que o marcam como um sujeito que tinha a vida dependente do outro. Portanto, na música “Vento no Litoral”, o amor vivido pelo compositor é doloroso, saudosista, amargo e não deixa grandes esperanças ao sujeito, tendo em vista a necessidade de deixar o vento levar tudo embora.

No período de lançamento da terceira e última canção “Estranhos Amores¹⁰” (1993), Renato Russo passa por uma fase melancólica, principalmente devido à descoberta de sua doença, Aids, que acaba por lhe afastar da banda *Legião Urbana* e, posteriormente, tirar-lhe a vida. Nessa fase, lança o CD solo *Equilíbrio Distante* (1995), interpretando canções italianas, cuja sonoridade o agradava muito. O disco apresenta sucessos como *Strani Amori*, *La Solitudine* e *La Forza Della Vita*.

Segundo o cantor, o álbum foi feito em homenagem à sua família¹¹. A canção escolhida para análise, “Estranhos Amores” (*Strani Amori*), foi escrita em italiano, o que permitiu uma sonoridade mais romântica e melancólica à música. Segue abaixo a letra:

Me desculpe, mas devo ir embora
Eu sabia que era uma mentira
quanto tempo perdido atrás dele
Que promete e nunca muda
Estranhos Amores que nos colocam em problemas
Mas na realidade somos nós

E na espera de um telefonema
Brigando para que esteja livre
Com o coração no estômago
E um nó na garganta
Ali sozinho, dentro um arrepio
Mas porque ele não está

E são estranhos amores que
Nos fazem crescer e sorrir
Entre lágrimas
Quantas páginas para escrever

¹⁰ Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/renato-russo/strani-amoritraducao.html> (Acesso em 15/11/2016).

¹¹ Mais informações disponíveis em: <http://www.renatorusso.com.br/bio/> (Acesso em 15/11/2016).

sonhos e machucados para dividir
E são amores normais a esta idade
se misturam nessa alma
que se pergunta sem decidir
Se é um amor para nós

E quantas noites perdidas a chorar
Relendo aquelas cartas
Que você simplesmente não pode jogar fora
No labirinto da saudade
Grandes amores que terminam
Mas por que ficam no coração?

Estranhos amores que vão e vêm
Nos pensamentos se escondem
Histórias verdadeiras que nos pertencem
Mas se perdem como nós

Amores estranhos, frágeis
Prisioneiros livres
Estranhos Amores que nos colocam em problemas
Mas na realidade somos nós

Amores estranhos, frágeis
Prisioneiros livres
São amores estranhos que não sabem viver
E se perdem dentro de nós

Me desculpe, mas devo ir embora
Desta vez é uma promessa
Porque eu quero um amor verdadeiro
Sem você...

Pode-se perceber que a canção já se inicia com um pedido de desculpa, pois o sujeito deve partir. Nota-se que aqui o discurso de Renato se pauta na indignação/ arrependimento de ter perdido tempo atrás de um amor que não lhe fez bem, pois ele provavelmente tenha encontrado apenas problemas durante esse relacionamento. Logo após ele dizer que são os estranhos amores que o colocam em problemas, o cantor afirma: “Mas na realidade somos nós”, ou seja, apresenta esse “nós” como o problema dessa relação. Nesse momento, o sujeito afirma que o culpado pelo envolvimento amoroso foi ele mesmo e, na segunda estrofe, reforça as suas expectativas.

Nessa segunda estrofe, há a constante espera por um telefonema da pessoa amada, mas ela não liga. Nesse trecho, evidencia-se um discurso amargurado, de alguém extremamente decepcionado e sozinho, o discurso de uma pessoa que, mesmo tentando se libertar, ainda se encontra presa a um amor estranho que não lhe faz feliz. Porém, o autor ressalta que “são estranhos amores que/ nos fazem crescer e sorrir”.

Na terceira estrofe, é revelado um discurso reconfortante de quem busca, em meio a esse sofrimento, algo positivo, afirmando que são esses amores estranhos que ensinam a viver, que proporcionam um aprendizado de vida mesmo entre as lágrimas, por isso há a necessidade de se escreverem os sonhos e dividirem os machucados. Além disso, o autor declara que esses “estranhos amores” são, na verdade, “amores normais a esta idade”, ou seja, os amores intensos, que podem promover tanto sofrimento na alma, são frequentes em determinada idade, provavelmente entre os 30 anos, idade em que Renato Russo compõe a canção. O autor ainda ressalta que a alma se questiona “se é um amor para nós”, salientando a dúvida sobre o amado.

Embora haja essa busca por um olhar positivo sobre essa situação vivida, o autor retoma o tom melancólico sobre o amor. Na quarta estrofe, há um sujeito ainda mais deprimido e entristecido. Ele destaca que se sente no labirinto da saudade, por não conseguir se livrar do sentimento que ficou no coração. Essa parte é extremamente subjetiva, pois revela o interior do sujeito, o íntimo de uma pessoa que se sente abandonada. Assim, “O Eu, ou a identidade, ou a especificidade do sujeito, aparece como produto das relações do corpo e da consciência com o mundo, consequência da relação dialética entre objetividade e subjetividade no contexto social”. (MAHEIRIE, 2002, p. 35)

Na quinta estrofe, o sujeito trata do caráter passageiro desses estranhos amores, “que vão e vêm”. Nesse fragmento, destaca-se que esses estranhos amores são constituintes do sujeito, escondendo-se nos pensamentos e compondo o consciente e/ou o inconsciente do “eu”. Ou seja, essas “histórias verdadeiras que nos pertencem” – que constituem o sujeito como tal – “se perdem como nós”, podendo ficar escondidas no inconsciente que compõe o sujeito. Convém evidenciar também que o emprego de “nós” pode ser entendido ambigualmente: como pronome (em: “nós nos perdemos”, isto é, os sujeitos se afastaram física e emocionalmente) ou como substantivo (em: “os nós se perdem”, isto é, os laços se perderam).

A sexta e a sétima estrofe se repetem (“Amores estranhos, frágeis/ Prisioneiros livres/ São amores estranhos que não sabem viver/ E se perdem dentro de nós”), pois o intuito é enfatizar que, mesmo se tratando de amores estranhos, ainda assim eles são frágeis, prisioneiros e livres ao mesmo tempo, pois são amores que se encontram aprisionados no interior do sujeito. Portanto, o discurso é de uma reafirmação de que o sentimento está vivo/ preso dentro dele, embora o amado esteja livre para partir.

Por fim, há a repetição de uma parte da primeira estrofe da música: “Me desculpe, devo ir embora/ Desta vez eu prometo a mim/ Porque quero um amor verdadeiro/ Sem você...” Por

meio desses versos, o compositor se desculpa novamente e afirma que vai embora, pois está prometendo a ele próprio um amor verdadeiro, o que não encontrou em seu companheiro.

Sendo assim, nessa canção tem-se a evidência de uma despedida, de um relacionamento que não deu certo, por isso o sujeito simbolicamente diz que irá partir. E será que esse partir não seria a sua morte? Inconscientemente, o sujeito produz um discurso construído por meio de sua ideologia, história, (in)consciente e subjetividade, elementos que se buscou analisar ao longo deste trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da Análise de Discurso, foi possível verificar de que modo a subjetividade de Renato Russo está presente nas letras selecionadas, além da identificação de diferentes tipos de amor vividos por ele no decorrer do tempo. Analisou-se como a ideologia interfere na produção do discurso do sujeito, garantindo a ele diferentes efeitos de sentido. Pôde-se constatar que o sujeito, na maior parte do tempo, é regido por seu inconsciente, que acaba por motivá-lo na composição de suas canções e na representação do amor.

Portanto, as letras analisadas apresentaram fases da vida do cantor, que refletiu em suas músicas a subjetividade do seu ser. Até mesmo quando Renato Russo pensou ter consciência de seu discurso, verificou-se que ele fora conduzido pelo contexto e ideologia aos quais pertence ou é pertencido.

Assim, na primeira música, observou-se uma voz de luta por um mundo mais livre de preconceitos e a afirmação sobre a sua orientação sexual. Já na segunda música, pode-se notar um tom muito mais melancólico pela perda de um amor, que não se sabe se tratar de um rompimento ou da morte do ser amado. Por fim, na terceira música, em tom mais melancólico, marcado, inclusive pela fase de complicações causadas pela AIDS, o sujeito revela a sua fragilidade e o desejo de partir.

Por meio dessas três músicas, buscou-se demonstrar como o sujeito Renato Russo deixava marcas do seu “eu” em cada fase de composição de suas canções, revelando-se como sujeito, atravessado por seu tempo, sua história e sua ideologia. Conclui-se que a AD contribui para o estudo do sujeito, do inconsciente e da ideologia que perpassam o indivíduo. Sendo assim, pode-se depreender da análise realizada que ninguém possui total controle sob o seu discurso e este, construído ao longo do tempo, revela muito sobre o sujeito.

REFERÊNCIAS

- MAHEIRIE, K. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. *Interações*, São Paulo, v. 7, n. 13, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v7n13/v7n13a03.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2016.
- MUSSALIM, F. Análise do Discurso. In: MUSSALIN, F. e BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística: domínio e fronteiras*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009. p. 101-142.
- ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios & Procedimentos*. 7. ed. São Paulo: Pontes, 2007.
- SANTIAGO, J. Jacques Lacan: a estrutura dos estruturalistas e a sua. In: Mari, H.; Domingues, I. & Pinto, J. (orgs.) *Estruturalismo: memória e repercussões*. Rio de Janeiro, Diadorim/UFMG, 1995, p. 221.
- SILVA, R. B.; HENNING, M. P. A construção da subjetividade: notas sobre o sujeito. *Humanand Social Sciences*, Maringá, v. 33, n. 1, fev./nov. 2011. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/9439/9439>. Acesso em: 15 nov. 2016.

LÍVIA MARIA TURRA BASSETTO

Doutora em Estudos Linguísticos, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/ São José do Rio Preto). É pesquisadora na área de texto e discurso, com orientação também em linguagem publicitária. É professora colaboradora de Língua Portuguesa e Linguística na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/ Cornélio Procópio) e professora da Fundação Educacional do Município de Assis (FEMA), nos cursos de Direito e Publicidade e Propaganda. liviamtb@hotmail.com

CÍNTIA ROBERTO MARSON

Graduanda do 4º ano de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus de Cornélio Procópio. cintia.marson@hotmail.com

SUELLEN ARCANJO DE GODOY

Graduanda do 4º ano de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), campus de Cornélio Procópio. suellensuh1@hotmail.com

Enviado em 30/03/2017.

Aceito em 30/05/2017.